

Manhã. Portaria de um condomínio de casas.

Porteiro: [telefone] senhor Ruslan, tem um homem aqui dizendo que veio te visitar... ele está interessado em saber quem o senhor escolheu... sim senhor. Pode entrar. [abre a porta]

Coletor: [animado] obrigado.

Porteiro: [dando direções] é só o senhor.

Coletor: não precisa, eu consigo chegar lá sozinho. Ele deixa um cheiro bem característico por onde passa. [respira fundo] Vocês odiariam se pudessem senti-lo, não entendem a dádiva que é receber a visita dele.

Capítulo 02 - Uma pessoa para matar.

O Coletor na frente da casa do Ruslan (~35, arrependido e sem escolhas) que o espera na varanda.

Coletor: [de brincadeira] o senhor deve ser o senhor Ruslan.

Ruslan: a menos que esteja aqui para me deixar fazer outra escolha, não quero saber de vocês.

Coletor: não tenho essa capacidade, sinto muito.

Ruslan: o que veio fazer então?

Coletor: aquele que o visitou disse que você teria uma história interessante para mim.

Ruslan: como pode ver, minha história ainda não terminou.

Coletor: se tem alguém ciente disso é ele, mesmo assim cá estou.

Ruslan: [isso o deixa triste] ... o que eu ganho se te der a minha história?

Coletor: o senhor não está em posição de escolher Ruslan. Ou me conta ou eu a pego. Prefiro que me conte, vai ser mais divertido e assim você terá a oportunidade de justificar a sua escolha.

Ruslan: ... vamos entre. Os vizinhos não podem saber o que eu fiz.

O Coletor sorri e os dois entram na casa.

Indo para a sala de estar.

Ruslan: então isso tudo foi um esquema para tirar uma história de mim?

Coletor: exato.

Ruslan: eu devia ter imaginado. Seres como vocês não interagem com a gente sem um propósito.

Coletor: vocês também rezam para nós com um propósito e nunca é para reclamar, só para pedir e agradecer.

Ruslan: vocês são superiores a nós, estão em posição para nos ajudar.

Coletor: preferimos ver por outro lado. Vocês são inferiores a nós, agradeçam ao pai por ter nos ensinado a deixá-los em paz.

Ruslan: vocês não me deixaram em paz.

Coletor: [riso] a situação mudou.

Ruslan: esse pai mudou de ideia sobre nós?

Coletor: não, ele apenas percebeu que, dos filhos dele, vocês são os mais dispensáveis.

Ruslan: ótimo, um pai com um filho favorito... [chegam na sala] quer alguma coisa?

Coletor: não, obrigado. Podemos ir direto para a sua história, se não se importa.

Ruslan: nem um pouco... por onde eu começo? [sinaliza para ele ficar a vontade]

Coletor: o momento em que o Morte entrou em contato com você deve ser um bom começo.

Ruslan está vendo um noticiário na tv.

Ruslan: [narrando] foi há mais ou menos um ano. Eu estava aqui mesmo acompanhando as notícias sobre a guerra quando ele apareceu.

Morte (~45, sério e sorrindo) aparece atrás do sofá. Ruslan cai do sofá e se arrasta no chão de costas para a tv.

Ruslan: [narrando] quase tive um ataque do coração quando o vi. [um riso nasal] Ele me acalmou dizendo que tinha muito o que viver ainda... e então me fez uma proposta. Eu podia escolher uma pessoa e ele a mataria.

Coletor: simples assim?

Ruslan: nem tanto. Ele disse que só mataria se eu tivesse completa e absoluta certeza.

Coletor: já fui avisado que aceitou, mesmo não parecendo do tipo que tiraria uma vida.

Ruslan: [narrando] e não sou...

Ele olha para a tv de canto de olho.

Ruslan: [narrando] mas e se eu usasse essa oportunidade para fazer o bem?

Ele levanta e aponta para a tv.

Ruslan: [narrando] eu aceitei e fiz minha escolha ao mesmo tempo. Pedi para ele matar o responsável pela guerra.

Coletor: [narrando] hum. A guerra ainda está acontecendo, então você não estava certo disso.

Ruslan: [narrando] sim, e com razão. Uma escolha dessas não deve ser feita por impulso. Morte sorri para ele e desaparece.

Ruslan: [narrando] ele disse que eu podia levar o tempo que quisesse, ele saberia quando eu tivesse feito a minha escolha e se foi.

Coletor: [narrando] novamente, a guerra ainda está acontecendo, com o motivador ainda vivo.

Ruslan anda de um lado para o outro da sala pensando. Deita no sofá e olha para o teto. Senta na mesa, abaixa a cabeça e leva as mãos a nuca em frustração.

Ruslan: [narrando] olha, eu tentei de tudo. Toda ginástica mental que pode imaginar eu tentei, mas... e a família dele? E se o efeito fosse contrário e a guerra só aumentasse com a sua morte? E se o outro lado tirasse proveito desse momento de fraqueza para atacar mais pesado? Todas essas dúvidas me pararam de matar um monstro e...

Ruslan [do presente] sentado no sofá com os cotovelos nos joelhos para de falar e desvia o olhar em vergonha/tristeza.

Coletor: não se esqueça, eu consigo pegar essa história se eu quiser.

Ruslan: sinto muito... ainda é recente.

Flashback.

Ruslan está em uma reunião da família, disfarçando, mas claramente frustrado para quem o conhece.

Ruslan: [narrando] eu segui com minha vida, mas depois de alguns dias indeciso, minha frustração se tornou perceptível, principalmente para o meu irmão Aslan (um pouco mais novo/policial).

Aslan vai até Ruslan e o chama para um lugar privado.

Ruslan: [narrando] ele percebeu e exigiu uma explicação, afinal me ver daquele jeito iria entristecer a nossa mãe, e a saúde dela já não é das melhores... então eu contei.

Aslan olha para o Ruslan, ri alto e dá um tapa nas costas dele.

Ruslan: [narrando] ele riu da minha cara. "Nem mesmo os deuses evitaram a guerra, como você espera terminar ela?"

Presente.

Ruslan: Aslan estava certo, eu me preocupei demais. Um deus literalmente veio falar comigo e eu achando que eu, sozinho, salvaria o mundo.

Deixando uma lágrima escapar ele sorri. O Coletor estranha e "sente um cheiro" enquanto olha para o Ruslan.

Coletor: ... estou sentindo a presença dele.

Ruslan: [sorrindo] Aslan está aqui?

Coletor: ... não... o Morte.

Ruslan: ah [para de sorrir] ... minha história não terminou ainda.

Flashback.

Noite. Aslan está dirigindo a viatura pela cidade, quando vê alguém cometendo um crime.

Ruslan: Aslan era policial. Um dia, enquanto fazia a ronda, levou um tiro que quase o matou.

Coletor: quase? Está bem claro que ele morreu.

Ruslan desvia o olhar e olha para o chão ao começar a chorar. Assim que o Coletor entende, se levanta com raiva.

Coletor: você escolheu o seu próprio irmão?!

Ruslan: você disse que eu poderia explicar!

Coletor: pois faça!

Aslan está no leito do hospital em coma com a cabeça enfaixada. Na frente da janela de vidro do quarto, um médico fala com o Ruslan enquanto a família dele em prantos esperam no lobby do hospital.

Ruslan: [narrando] ele estava em coma. O médico me explicou que ele sobreviveria, mas não tinha como saber por quanto tempo ficaria em coma, podia ser dias ou anos e que provavelmente haveriam sequelas.

A mãe do Ruslan invade o lugar e tenta abrir a porta do quarto, mas é pega por um segurança.

Ruslan: [narrando] Aslan era o orgulho da família... se eu pudesse teria dado a minha vida para salvar a dele... ao invés disso...

Ruslan vê a mãe sendo puxada à força para fora. Eles passam pela porta e a última coisa que ele vê é a mãe caindo de joelhos com as mãos no peito.

Ruslan: [narrando] em um momento de distração, deixei um pensamento escapar... “por favor deus, acabe com o sofrimento dela”.

Morte aparece dentro do quarto, só Ruslan o vê. Ruslan bate no vidro desesperado. Morte sorri para ele e levanta a foice. Ruslan leva as mãos a boca e dá alguns passos para trás enquanto médicos/enfermeiras entram correndo no quarto.

Ruslan: [aos prantos] não foi minha intenção. Ela não resistiria ver o filho favorito dela naquela situação. Ele morreu faz algumas semanas. Ela está bem agora, nós estivemos lá por ela. [Coletor fecha o livro e levanta] [se desesperando em culpa] Haveriam sequelas. Não tinha como saber...

O Coletor se vira para ir embora, Ruslan segura a perna dele implorando.

Ruslan: por favor, eu imploro. Não posso continuar vivendo com essa culpa.

Coletor: tem certeza?

Ruslan solta a perna. Assim que o Coletor sai da casa, Ruslan esquece da visita e do motivo de estar no chão chorando. Ele senta no chão encostado na parede enquanto abraça os joelhos e permanece ali.

Fora da casa, Coletor vai até o Morte na calçada, que ri da raiva dele.

Morte: se soubesse que essa história te deixaria assim teria te mandado buscar a muito tempo.

Coletor: me deixei levar. Às vezes esqueço que os humanos são os piores seres racionais do mundo... inacreditável.

Morte: gerei uma boa história para o pai então. [riso]

Coletor: ... pelo menos isso.

Morte: e não fique tão bravo com o pobre coitado, boa parte é minha culpa. Eu vi a hora da morte do irmão e da mãe, daí foi fácil deduzir o que aconteceria.

Coletor: os humanos tratam você como o pior dos deuses, não te defendo mais.

Morte: [ambos riem alto] eu mereço o ódio deles, afinal para eles a morte é o final ruim.

Coletor: não sei o que eles esperam, uma eternidade de felicidade? Eles mesmos vivem entediados, mesmo assim não enxergam que isso é impossível.

Morte: minha próxima intervenção vai ser manter um vivo para ver o quanto ele aguenta.

Coletor: [riso] o pai não vai gostar nem um pouco disso.

Morte: [riso] eu sei, estava brincando, não vou tirar essa dívida deles... [~preocupado] por falar no pai, como anda o velho?

Coletor: um pouco entediado.

Morte: isso não é bom. Vou preparar mais histórias para ele.

Coletor: hum, você consegue ver quando vai ser o nosso fim?

Morte: não. Como nossa morte é uma escolha, o pai não me deu essa capacidade para que nada interfira nela.

Coletor: hum, até que o pai acerta às vezes. [riso]

Morte: as vezes? Ah, esqueci, você coleta histórias dos humanos.

Os dois dão risada e desaparecem.